JORNALISMO E RISCOS CLIMÁTICOS

PERCEPÇÕES E ENTENDIMENTOS DE JORNALISTAS, FONTES E LEITORES

ELOISA BELING LOOSE

Editora UFPR

JORNALISMO E RISCOS CLIMÁTICOS

PERCEPÇÕES E ENTENDIMENTOS DE JORNALISTAS, FONTES E LEITORES

Reitor
Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora
Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura
Rodrigo Arantes Reis

Diretor da Editora UFPR
Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR
Rafael Faraco Benthien

Conselho Editorial que aprovou este livro
Allan Valenza da Silveira
Diomar Augusto de Quadros
Fabricio Schwanz da Silva
Ida Chapaval Pimentel
José Carlos Cifuentes
Zélia Maria Marques Chueke

JORNALISMO E RISCOS CLIMÁTICOS

PERCEPÇÕES E ENTENDIMENTOS DE JORNALISTAS, FONTES E LEITORES

ELOISA BELING LOOSE

Editora UFPR

© Eloisa Beling Loose

JORNALISMO E RISCOS CLIMÁTICOS

PERCEPÇÕES E ENTENDIMENTOS DE JORNALISTAS, FONTES E LEITORES

Coordenação editorial
Rachel Cristina Pavim
Revisão
Eugênio Vinci de Moraes e Lorena Aubrift Klenk
Revisão final
Da autora
Projeto gráfico e editoração eletrônica
Rachel Cristina Pavim
Capa
Reinaldo Weber

Série Pesquisa, n. 367

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. SISTEMA DE BIBLIOTECAS.
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS.

L863j Loose, Eloisa Beling, 1986-
Jornalismo e riscos climáticos: percepções e entendimentos de jornalistas, fontes e leitores / Eloisa Beling Loose. – Curitiba: Ed. UFPR, 2021.
271 p.: il.; 20 cm. – (Série Pesquisa, n. 367)

Originalmente apresentada como tese da autora (doutorado - Universidade Federal do Paraná, 2016).
Bibliografias: p. 257-270
ISBN 978-65-87448-37-4

1. Proteção ambiental - Cobertura jornalística - Brasil. 2. Comunicação de massa e meio ambiente. 3. Mudanças climáticas. I. Título. II. Série.

CDD: 070.44363700981
CDU: 070.445:504.03

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-65-87448-37-4
Ref. 983

Direitos desta edição reservados à
Editora UFPR

Rua Ubaldino do Amaral, 321
80060-195 – Curitiba – Paraná – Brasil
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br

2021

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Dedico este livro aos meus professores e àqueles que, de diferentes modos, me inspiram a seguir firme no propósito de transformar nossa realidade.

O fato de o aquecimento do planeta resultar da "inocência econômica do consumo diário" torna duplamente impensável a catástrofe que nos ameaça: por um lado, porque é excessivamente grande para que possamos imaginá-la e, por outro, pela dificuldade de compreender sua relação com a vida diária normal.

Dimitri D'Andrea, *O aquecimento global como risco globalizado e ameaça global*

Prefácio

Esta obra, **Jornalismo e riscos climáticos**, que tenho a honra de prefaciar, é o resultado da tese elaborada por Eloisa Beling Loose para a obtenção do título de doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná, em 2016. A pesquisa recebeu o Prêmio CAPES de melhor tese na área de Ciências Ambientais em 2017.

Conheci Eloisa em 2007, no processo de seleção, etapa da entrevista, para o ingresso no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O entusiasmo demonstrado pela candidata em realizar pesquisa sobre a interface entre jornalismo e meio ambiente foi um indício de que ali estava uma estudante que teria um percurso brilhante pela frente. Não me enganei e uma das provas é este livro.

Trata-se de um trabalho precioso e exaustivo de uma jornalista que empreendeu uma viagem pelo mundo das Ciências Ambientais para compreender como o Jornalismo pode contribuir com a construção da governança ambiental a partir do cidadão. Este, para agir, precisa da informação, que é disponibilizada especialmente através da imprensa. A informação é necessária, mas não é suficiente, pois o processo é bem mais complexo e envolve a percepção que cada um tem acerca dos riscos. No entanto, o jornalismo também pode contribuir para ampliar essa percepção.

Jornalismo e riscos climáticos nos revela os meandros do processo de produção da notícia sobre mudanças climáticas, através de estudo realizado com o jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba, mostrando o que pensam jornalistas, fontes de informações e leitores. A

pesquisa reafirmou o que outros estudos já apontavam: "que grande parte do conhecimento sobre mudanças climáticas provém dos meios de comunicação". Isso destaca a responsabilidade de jornalistas e fontes. O jornalista precisa assumir um olhar mais abrangente, compreendendo o que postula o Jornalismo Ambiental, que nos convoca a adotar uma visão sistêmica e a perceber a complexidade dos eventos ambientais.

Em se tratando de mudanças climáticas, que envolvem muitos riscos, não existe mais espaço para os negacionistas, porque os relatórios do Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas (IPCC) apontam as causas antropogênicas como as principais responsáveis pelo aquecimento do Planeta. É importante, então, que os jornalistas invistam na busca de informações para defenderem tais pautas nas redações. Elas muitas vezes estão na contramão dos interesses dos anunciantes dos veículos de comunicação. Isso torna a vida dos jornalistas uma verdadeira luta, tendo de um lado o interesse público de sua profissão e, de outro, os interesses dos grupos econômicos, que perseguem o lucro sem considerar as consequências de suas atividades para a saúde e para o meio ambiente.

A construção da governança climática exige políticas globais, nacionais e locais e estas precisam da participação do cidadão, que, devidamente informado, pode, através de seus coletivos, exigir medidas governamentais para o enfrentamento das mudanças climáticas. Nesse processo, as fontes acionadas pelos jornalistas têm papel importante e muitas vezes a incompreensão por parte das fontes dificulta o trabalho de construção da matéria. Os pesquisadores e fontes governamentais precisam estar cientes de sua responsabilidade para dar visibilidade ao tema nesse processo de comunicação da mudança climática. O cidadão comum, o ribeirinho, a dona de casa também são fontes a serem ouvidas, porque seus saberes são importantes para a construção da governança climática. Esse é mais um preceito do Jornalismo Ambiental: ouvir fontes que representam as diferentes vozes, contemplando inclusive os saberes tradicionais.

Ao fazer um estudo aprofundado sobre o circuito das notícias, a autora aponta para um leitor atento e crítico às políticas públicas e também ao tratamento e espaço que o jornal dá ao tema das mudanças climáticas. Esse leitor conversa sobre o assunto com outras pessoas, podendo contribuir com a ampliação do público interessado em participar da busca de caminhos para a construção de medidas de enfrentamento dos vendavais, chuvas intensas e outros eventos extremos. É assim que se constrói uma cidadania ambiental, capaz de usar o seu conhecimento, inclusive na escolha de seus representantes políticos, que deverão fazer as leis e buscar os instrumentos para que sejam cumpridas.

O livro nos apresenta uma extensa revisão bibliográfica, que embasa as informações coletadas pela pesquisa. Aponta que um dos achados da investigação é a desconexão das matérias jornalísticas com o dia a dia das pessoas e a busca de informações via agências de notícias internacionais. A conexão com a vida cotidiana é fundamental para afinar a percepção de riscos, que poderá levar o cidadão ao engajamento nos movimentos ambientais de luta pela melhoria da qualidade de vida e compreender a falácia de que o meio ambiente é um entrave ao desenvolvimento.

As pesquisas sobre as mudanças climáticas apresentam muitas evidências e indicam que a mudança de comportamento é urgente e exige ações governamentais, coletivas e também individuais. É necessário que o jornalismo assuma a busca pela justiça socioambiental, porque, mesmo que os riscos climáticos atinjam a todos, a população que já vive em estado de vulnerabilidade social devido à pobreza que ainda assombra a humanidade será a mais afetada. As migrações que ocorrem atualmente também têm causas climáticas.

Recomendo a leitura desta obra aos pesquisadores de jornalismo, aos jornalistas que atuam nas redações e também aos pesquisadores do clima de outras áreas do conhecimento, para que compreendam e assumam a importância da comunicação de riscos. As incertezas sobre o futuro exigem que a precaução seja aciona-

da, em especial pelos governantes que defendem projetos que vão contribuir para aumentar as emissões de gases de efeito estufa. Jornalistas e cientistas têm o importante desafio de dar visibilidade ao conhecimento produzido pela ciência, para que os cidadãos tenham elementos para escolher o tipo de vida que desejam para si, para seus descendentes e para todos os seres que habitam o Planeta.

Ilza Maria Tourinho Girardi
Professora, pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS).

Apresentação

Se o mundo declarou guerra ao aquecimento global ao aprovar o Acordo de Paris em 2015, como explicar que os subsídios aos combustíveis fósseis ainda alcancem o patamar astronômico de aproximadamente U$ 5 trilhões anuais? Se mais de 97% dos cientistas do clima (aqueles que publicam seus artigos em revistas especializadas e têm seus textos revistos pelos pares pelo sistema "per review") afirmam categoricamente que as moléculas de CO_2 aquecem o planeta e que a Humanidade agrava tremendamente o efeito estufa, por que os autodenominados "céticos" (cada um deles com sua própria tese a respeito da mudança do clima) ainda conseguem fazer tanto barulho, especialmente nas redes sociais? Enquanto a maior parte da mídia trata esporadicamente do fenômeno do aquecimento global, por que deveríamos prestar mais atenção nas razões pelas quais o *The Guardian* (prestigiado jornal britânico) decidiu substituir a expressão "mudança climática" por "emergência climática" ou colapso climático", e chamar os "céticos do clima" de "negacionistas"?

Essas e outras questões precisam estar no radar da imprensa do século XXI. Um dos maiores desafios do jornalismo na atualidade é esclarecer, de forma ética e responsável, a gravidade de um fenômeno inédito na história da Humanidade, que é a nossa interferência direta no *software* inteligente do clima. O que se convencionou chamar de "novo normal" se revela através de inúmeras evidências – devidamente registradas e amparadas pela metodologia científica – de que as emissões antrópicas de gases estufa aceleram o degelo dos polos, a expansão volumétrica dos oceanos, a elevação do nível dos mares, a mudança do ciclo das chuvas e a ocorrência dos chama-

dos “eventos extremos”, com impactos na economia, na qualidade de vida das pessoas e no meio ambiente.

Se é verdade que a ciência nunca revela uma verdade inquestionável e definitiva (e isso também vale para o aquecimento global, embora com uma margem de risco considerada desprezível), também é verdade que muitas decisões que tomamos sem hesitar no dia a dia são motivadas por informações muito mais duvidosas, com margem de erro bem maior. Quem contrata um seguro para a casa ou para o carro deve saber que a chance de acontecer o pior com um desses bens (e acionar o seguro) é muito maior do que o risco de as previsões dos cientistas em relação ao clima não se confirmarem. Seguindo essa lógica, o americano Donald Trump autorizou (antes de ser eleito presidente nos Estados Unidos) um investimento superior a U$ 11 milhões para a construção de um muro de contenção que protegesse seu campo de golfe, na Irlanda, da erosão decorrente de tempestades cada vez mais violentas na região. O empresário Trump não hesitou em fazer aquilo que o presidente Trump boicota ao chamar o aquecimento global de “fake news”.

Embora seja um dos países mais vulneráveis às mudanças climáticas, o Brasil possui condições excepcionais de redução das emissões de gases estufa a baixo custo, implementando modelos de negócios lucrativos na direção de uma economia de baixo carbono. Se a proteção das florestas é reconhecidamente a forma mais barata de reduzir emissões, temos ainda uma matriz elétrica limpa (hidroeletricidade, biomassa, vento e sol), combustíveis verdes (etanol e biodiesel), um plano já definido para agricultura de baixo carbono (programa ABC da Embrapa) e alguns dos mais renomados cientistas climáticos do mundo, alguns dos quais cedidos para o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU (IPCC). Para que o Brasil dê esse salto na direção de um protagonismo mundial na busca por soluções climáticas sustentáveis, é preciso informação qualificada que sensibilize a sociedade, o setor privado e diferentes esferas governamentais. Essa é a parte que cabe ao jornalismo.

A presente obra descortina horizontes de investigação importantes para a melhor compreensão de como os riscos climáticos são percebidos (ou não) pelos jornalistas, os cuidados na abordagem desse assunto nas mídias, as dificuldades inerentes ao diálogo com as fontes, o desafio de traduzir o jargão científico e de amplificar o senso de urgência sem recorrer aos expedientes eticamente condenáveis do alarmismo e do sensacionalismo.

Recomendamos a leitura deste livro pela relevância dos temas abordados e pela competência da autora em realizar esse trabalho.

André Trigueiro
Repórter, comentarista, professor e autor de livros na área de jornalismo e meio ambiente. Editor-chefe do programa semanal "Cidades e Soluções", exibido na *Globo News*.

Sumário

LISTA DE ILUSTRAÇÕES / 19
Lista de figuras / 19
Lista de quadros / 19

RISCOS CLIMÁTICOS: TÃO LONGE, TÃO PERTO / 21
O papel da mídia na construção dos riscos / 36

CIRCUITO DA NOTÍCIA / 41
"Tribo jornalística": por que as notícias são como são / 50
A *Gazeta do Povo* / 59
A produção da notícia na *Gazeta do Povo* / 61

COBERTURA DE ASSUNTOS AMBIENTAIS / 67
Jornalismo e mudanças climáticas / 70

CIÊNCIA E MUDANÇAS CLIMÁTICAS / 87
A lógica de produção científica / 98

DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO SOBRE RISCOS CLIMÁTICOS / 105

COMO PERCEBEMOS OS RISCOS / 125
Especialistas *versus* leigos: percepções distintas sobre risco / 133

PERCEPÇÃO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E SEUS RISCOS / 147

JORNALISMO E AMPLIFICAÇÃO DE RISCOS / 165

ENFRENTAMENTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS / 175
O princípio da precaução e as responsabilidades compartilhadas / 185

JORNALISMO LOCAL E AS AÇÕES "DE BAIXO PARA CIMA" / 191
Mobilização para uma causa / 200

OS ENQUADRAMENTOS DAS NOTÍCIAS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS / 211

PERCEPÇÕES DE RISCO E ENTENDIMENTOS DE JORNALISTAS, FONTES E LEITORES / 219
O olhar dos jornalistas sobre mudanças climáticas / 219
A ótica das fontes de informação / 222
A perspectiva dos leitores / 228

NOTÍCIAS *VERSUS* PERCEPÇÕES / 235

O QUE VEM DE LONGE NÃO ME ATINGE? / 251

REFERÊNCIAS / 257

SOBRE A AUTORA / 271

A década de 2010 a 2019 está destinada a ser a mais quente já registrada na história, segundo dados da Organização das Nações Unidas que apontam a aceleração das consequências das mudanças climáticas. Desde o início da pesquisa relatada neste livro, em 2013, transformações ocorreram, porém em ritmo muito lento. Em 2015 foi assinado o Acordo de Paris e, desde então, as conferências do clima anuais têm se dedicado a articular formas de colocá-lo em prática, mas os entraves políticos e econômicos dificultam ações efetivas. Também a juventude tem se mobilizado, bastante inspirada nas greves pelo clima iniciadas por Greta Thunberg. Mas, apesar da visibilidade crescente dessa pauta, decorrente dos vários sinais de colapso já sentidos pela sociedade, pode-se afirmar que a imprensa ainda não atua de forma significativa para uma governança sobre o clima. Este livro quer contribuir para melhorar a cobertura do assunto e ampliar a discussão sobre o papel do jornalismo na mediação social de temas urgentes que demandam ações concretas agora. E ainda discute a responsabilidade de leitores e fontes de informação no contexto do enfrentamento dos riscos, e as conexões difíceis entre informação, percepção e reação à emergência climática.

série
PESQUISA

ISBN 978-65-87448-37-4